



19 de outubro de 2024
Sábado da XXVIII Semana do Tempo Comum
“Tal Mestre, tal discípulo”

Mt 28,16-20

Evangelho para a memória de São João de Brébeuf e seus companheiros

Naquele tempo os onze discípulos partiram para a Galileia, à montanha que Jesus lhes havia indicado. Quando o viram, prostaram-se, mas alguns duvidaram. Jesus aproximou-se deles e disse: “Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Ide, pois, e fazei discípulos todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-os a observar tudo o que vos mandei. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos.”

Que motivação pode levar uma pessoa a enfrentar terríveis dificuldades e sofrimentos em prol da salvação das almas, para que elas recebam a mensagem de Cristo? É aquele amor inescrutável que levou o próprio Deus a vir a este mundo, expondo-se ao sofrimento na Pessoa de Seu Filho, a fim de arrancar Sua presa dos poderes das trevas e conduzir os homens ao Seu Reino eterno.

Jamais poderíamos entender a vida e a morte de São João de Brébeuf (1593-1649) se não o víssemos como o discípulo de um Mestre que ordenou a seus discípulos: *"Ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações"*.

Juntamente com seus heroicos companheiros da Companhia de Jesus, João de Brébeuf teve a audácia de pregar o Evangelho às tribos indígenas da América do Norte. Durante quinze anos, ele viveu entre os hurons. No início, seus esforços missionários pareciam dar poucos frutos. No entanto, ele se dedicou a aprender a língua huron, o que lhe deu melhor acesso às concepções religiosas e lhe permitiu usá-las como trampolim para a evangelização. Ele traduziu um catecismo do francês para o idioma huron. Compilou dicionários, traduziu orações e passagens da Sagrada Escritura. Esse trabalho foi proveitoso para sua missão posterior.

Gradualmente, embora não sem contratemplos, seus esforços começaram a dar frutos com a graça de Deus. Os hurons confiavam cada vez mais nele, mas ainda não havia conversões. Quando se tratou de aceitar os ensinamentos cristãos, disseram-lhe que ele provavelmente tinha um Deus diferente do deles e que a tradição de sua tribo era diferente.

O problema era claro: os hurons dependiam muito do que seus feiticeiros diziam, e os feiticeiros geralmente se opunham aos missionários. João de Brébeuf estava ciente de que esses eram os poderes do mal que lutavam contra a propagação da fé e os combateu com

armas espirituais.

Ele achava mais fácil ganhar a confiança das crianças e esperava alcançar os adultos por meio delas. Surgiu então uma situação que ajudou o santo em seu fervor apostólico. Descobriu-se que, por meio dos europeus, os índios estavam contraindo doenças que ceifavam muitas vidas. Como os curandeiros hurões não conseguiam curá-los, enquanto os missionários permaneciam a salvo de doenças, sua reputação entre os nativos começou a crescer. Assim, os nativos gradualmente se livraram dos feiticeiros. Além disso, o Senhor concedeu que, após a oração de João Brébeuf, caísse a chuva que eles estavam pedindo e que todos os rituais dos curandeiros não haviam conseguido trazer. Dessa forma, a abertura foi se tornando cada vez maior. O primeiro furão que se tornou cristão recebeu o nome de Joseph. Ele foi seguido por outros, e assim surgiu uma comunidade cristã entre os hurons.

Mas então, quando uma nova onda de doenças surgiu, os feiticeiros acusaram os missionários de serem culpados por essas doenças, de trazer divisão à tribo e às famílias ao pregar a fé cristã, etc. A atmosfera mudou. A atmosfera mudou: João de Brébeuf e seu irmão Lalemant eram agora vistos como uma ameaça, até mesmo como demônios. Suas vidas não eram mais seguras. Eles eram frequentemente perseguidos e espancados, mas isso não os impedia de continuar a ir a todos os lugares com grande zelo apostólico e sob grandes dificuldades para proclamar a fé. Nessas circunstâncias, o número de cristãos continuou a crescer e algumas missões já haviam surgido, onde os batizados podiam praticar sua fé.

João de Brébeuf sabia que o martírio o aguardava. Ele se preparou com as seguintes palavras:

"Eu Te prometo, meu Salvador Jesus, que nunca, no que depender de mim, recuarei da graça do martírio, se alguma vez, por Tua infinita misericórdia, Tu a ofereceres a mim, Teu mais indigno servo. Comprometo-me, pelo resto de minha vida, a não deixar escapar a oportunidade de morrer e derramar meu sangue por Ti, a menos que eu considere mais justo para a Tua glória, no momento em questão, agir de outra forma."

Vamos dar uma olhada em seu coração missionário, inflamado de amor, que desejava ardentemente a conversão dos índios confiados a seus cuidados:

"Meu Deus, como me entristece que o Senhor não seja reconhecido, que esta região pagã ainda não tenha sido totalmente convertida ao Senhor e que o pecado ainda não tenha sido erradicado daqui! Meu Deus, por mais duras que sejam as torturas que os prisioneiros têm de suportar nesta região, por mais cruel que seja a selvageria de suas sentenças de morte, se tudo isso caísse sobre mim, eu me ofereceria de bom grado por eles e sofreria tudo isso."

O que mais pode ser acrescentado a essa oração ardente?

Ele apenas encerra sua história dizendo que, quando chegou a hora e os iroqueses hostis atacaram a missão cristã dos hurons, João de Brébeuf não se refugiou, embora isso lhe tenha sido oferecido. Ele foi capturado e morto ritualmente de acordo com os costumes iroqueses, mas não antes de ser ridicularizado por sua fé.

Tal mestre, tal discípulo....

Mas a semente dos mártires produziu frutos, porque nada do que é sofrido por amor a Jesus é em vão.